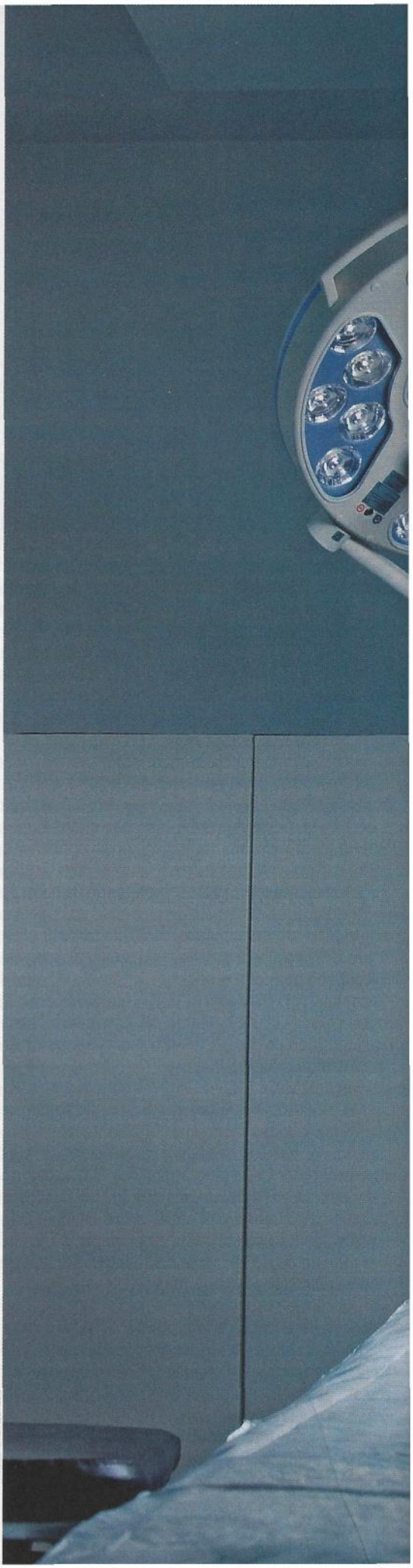
Entrevista de vida a
FRANCISCO IBÉRICO NOGUEIRA

Podia ter sido arquitecto: sabe de electricidade, de canalização e de restauro e, quando se reformar, vai recuperar casas no Algarve. Desmaiou na primeira cirurgia plástica a que assistiu e começou a carreira – que já vai em 32 anos – numa Unidade de Queimados. Por **Lucília Galha**

"Já operei um homem com 100 anos. Fiz-lhe um face lift*"*



ALEXANDRE AZEVEDO

Quando a família de Francisco Ibérico Nogueira foi forçada a emigrar para o Brasil, a sua vida mudou radicalmente. Em Portugal, estava habituado aos privilégios de ser "o filho do professor" (o pai era catedrático da Faculdade de Medicina de Coimbra). Mas quando começou a trabalhar numa clínica em Niterói a bolha em que vivia desapareceu. "Era apenas mais um dos milhares de portugueses desembarcados no Brasil e que ninguém conhecia", diz à **SÁBADO**. No primeiro dia de trabalho atrasou-se 20 minutos e foi repreendido. No dia seguinte voltou a acontecer, e a tolerância esgotou-se: "O professor disse-me: 'Portuga, avisei-te uma vez para não te atrasares, hoje estou a avisar-te outra vez, amanhã se chegares tarde podes procurar outra clínica'", recorda. Foi então que o cirurgião plástico, hoje com 32 anos de carreira, se tornou responsável. "Percebi que na vida a única maneira de sentirmos quem somos é quando não estamos à sombra de ninguém."

Nasceu a 2 de Maio de 1951, em Coimbra. Onde viviam?
Numa zona relativamente perto da Praça da República, onde os estudantes se reuniam. Mas grande parte da minha infância foi passada com uma tia, irmã do meu pai, e com o meu tio, em Viseu. Nós éramos sete filhos e, quando eu nasci, a minha mãe esteve bastante doente. Como os meus tios não tinham filhos, eu era muito acarinhado. Isso foi logo



A entrevista foi feita na sua clínica, no Restelo. Ibérico Nogueira, 66 anos, foi fotografado dentro da sala que usa para as cirurgias

quando nasci, depois voltei para casa dos meus pais em Coimbra. Vivia numa casa muito animada, somos quatro rapazes e três raparigas.

Que memórias tem da infância em Viseu?

Vivia com o meu tio, uma avó, uma bisavó e ainda uma tia-avó. Mimavam-me bastante. Recordo-me de o meu tio, por volta dos meus 15 anos, me ter comprado um carro inglês usado para aprender a conduzir. Levava-me para as estradas secundárias e ensinava-me.

Quem eram os seus pais?

A minha mãe tinha muito que fazer com sete filhos. O meu pai era um ginecologista famoso, professor da Faculdade de Medicina de Coimbra, trabalhava muito mas também ganhava bem. Era um catedrático da velha guarda, autoritário, e nós tínhamos um grande respeito por ele; a minha mãe era uma pessoa mais liberal.

Teve uma educação rígida?

O meu pai era uma pessoa austera, exigia muita disciplina. Era filho de um militar, um capitão de cavalaria monárquico que foi preso por participar numa intentona para tentar restaurar a monarquia em Viseu, e depois deportado para a ilha do Sal, em Cabo Verde. Na altura, o meu pai tinha acabado de entrar para a faculdade e passou por grandes dificuldades económicas. Suponho que isso fez com que desenvolvesse um espírito asceta, ele fazia uma vida muito abaixo das suas possibilidades.

A sua mãe era mais descontraída?

Nós tínhamos um temor reverencial pelo meu pai, porque ele era um homem muito possante, de grande estatura. Com a nossa mãe sentíamo-nos mais soltos. A minha mãe era superdivertida, adorava o Carnaval, as festas e foi assim durante toda a vida, até morrer.

Que tipo de criança era?

Era bem comportado e, na altura, bastante reservado. O facto de ter passado aqueles anos sozinho, sem os meus irmãos, tornou-me um pouco bicho-do-mato. Por isso, quando voltei a Coimbra, a adaptação foi complicada, não estava habituado a repartir tudo.

Passou uma temporada num colégio interno. Como foi?

Estive quatro anos no colégio La Salle, em Abrantes, dos 11 aos 15 anos. Todos por lá passámos, à excepção do meu irmão mais novo. Não gostei daqueles anos, havia uma disciplina muito rígida e regras absurdas, por exemplo, não podíamos falar sobre sexo, nem sobre mulheres. Também havia uma pressão enorme para que os alunos aderissem à irmandade, e aqueles que mostravam mais aptidão tinham benesses. Lembro-me de ir ajudar na missa para poder beber o vinho do padre. Foi traumatizante, talvez por ter sido muito mimado e saído directamente de casa dos meus tios para um colégio onde dormia numa camarata com 150 alunos.

Primeiro pensou ser arquitecto. De onde veio esse gosto?

Lembro-me de, ainda em Viseu, ou seja, na minha primeira infância, estar sempre a montar e a desmontar as bicicletas, de limpar as ferrugens e de fazer modificações. Acredito muito na genética, o meu pai também gostava muito de *bricolage* e de arranjos eléctricos, aprendi muito com ele. Também gostava de montar barquinhos e isso desenvolveu a minha habilidade manual.

Depois, esteve para ser advogado.

Tinha uns tios no Porto que, como não tinham filhos, me convenceram a seguir Direito para depois tomar conta do escritório deles. Mas, na véspera do dia da escolha, decidi mudar para Medicina. Nem sei explicar porquê, talvez por o meu pai ser um médico famoso.

O seu pai fazia pressão para seguir a carreira dele?

Pelo contrário, ele achava que eu não tinha disciplina e vocação para ser médico, porque era uma vida muito dura e que exigia muita dedicação. Tentou demover-me, mas eu contrariei-o. No entanto, acho que ele até ficou contente. Fui o único dos irmãos a seguir a carreira dele.

Como foi a época da faculdade?

Às vezes ralho com os meus filhos, mas eu fazia muito mais asneiras do que eles. Tínhamos a mania de surripiarmos os carros aos nossos pais para fazer corridas na serra da Lousã. Também nos juntávamos para

A vida

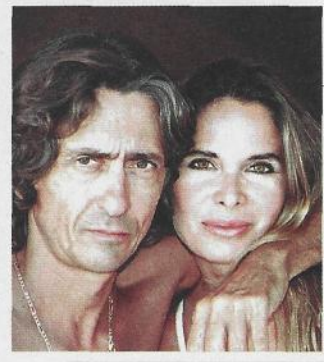


1951
No **dia do seu baptizado,** durante o primeiro ano de vida, com os pais



1990
Com a sua única filha, que é **a mais velha dos três**, Madalena

1991
A mulher, Margarida, foi a **razão por que voltou** para Portugal



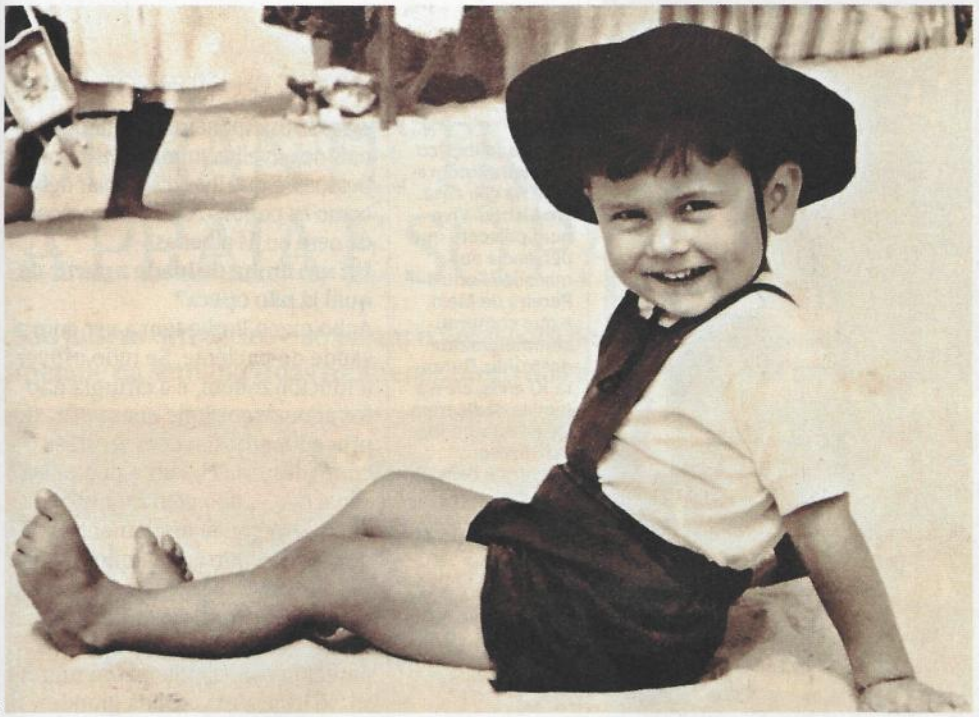
1997
Os dois filhos, **Salvador e Francisco:** um está a estudar Medicina; o outro, Desenho e Pintura





2012
Com o cirurgião plástico brasileiro Ivo Pitanguy, que **o inspirou** a seguir a carreira

FOTOS DR



DR

O cirurgião plástico com apenas 4 anos, na praia

roubar galinhas da casa dos professores e fazer grandes jantaradas. As autoridades fechavam os olhos às brincadeiras dos estudantes, tudo nos era permitido. Mas nunca concordei com as praxes, nem nunca deixei ninguém rapar-me o cabelo. Usava o cabelo comprido, pois aquela era a altura dos Beatles.

Experimentou drogas?

Posso ter fumado uma ervazinha, mas nunca tive grande apetência. Nem para o álcool. Claro que à noite bebia umas cervejas e uns *gins*, mas nunca fui de grandes exageros. Mas, como era muito magro, havia pessoas que achavam que eu consumia cocaína.

Sentia-se privilegiado por ser filho do professor?

Devo confessar que sim. Por exemplo, quando entrei na faculdade, o meu pai deu-me um Alfa Romeo e tinha sempre lugar no parque de estacionamento dos professores. Contavam-se pelos dedos os alunos de Medicina com carro. Como o meu pai era das pessoas mais prestigiadas na Faculdade de Medicina de Coimbra, eu tinha um tratamento especial.

Davam-lhe notas melhores?

Nunca houve uma situação em que eu tenha tido uma nota boa, e devesse ter chumbado, mas tive apoios pelo facto de ser filho de quem era.

O 25 de Abril foi um período difícil para a sua família?

"Fumei umas ervazinhas, mas nunca fui de grandes excessos. Mas, como era muito magro, achavam que eu consumia cocaína"

"Durante ano e meio, o meu trabalho foi lavar e preparar os queimados de todo o Brasil. Foi uma experiência traumatizante"

O meu pai tinha cargos de confiança da administração, era subdirector da Faculdade de Medicina, director do Instituto de Oncologia de Coimbra e também tinha um lugar na Maternidade. Na altura, todas as pessoas que estavam conotadas com o regime foram saneadas dos cargos. A nossa casa começou a ser vigiada por elementos do Partido Comunista e, se o meu pai não tivesse saído do País, provavelmente teria sido preso.

Como foram parar ao Brasil?

O meu pai foi convidado por colegas brasileiros para dar aulas no Rio de Janeiro. Eu não parti logo com a minha família, fiquei a acabar o curso, estava no 5º ano. Os anos a seguir à Revolução foram dos melhores da minha vida. Fiz muitas festas em casa e passava fins-de-semana em Marbella com amigos, porque a minha família tinha lá um apartamento. A vida foi uma festa nesses dois anos e as idas ao hospital começaram a diminuir. Até que o meu pai se apercebeu e veio a Portugal. Disse-me: "Já te divertiste o suficiente, ou ficas aqui por tua conta ou vens ter connosco." Assim fiz, arrumei as malas e meti-me num avião.

Foi no Brasil que descobriu a sua verdadeira vocação?

Sim, nos primeiros meses trabalhei com o meu pai em Ginecologia e Obstetrícia, mas não gostei da especialidade. Depois, estive uns tempos a fazer Medicina de Urgência nos hospitais da zona norte do Rio de Janeiro, onde todos os dias entravam baleados. Comecei a ficar desencantado com a Medicina e achei que devia abandonar a carreira. Foi então que a minha mãe me convenceu a conhecer a clínica de um médico muito famoso de cirurgia plástica, o Ivo Pitanguy. Eu fiquei fascinado. Logo no primeiro dia assisti a um *face lift* [procedimento que rejuvenesce o rosto], que hoje em dia é a cirurgia que mais gosto de fazer. Aconteceu-me uma coisa engraçada nesse dia, desmaiei no meio da cirurgia. Quando cheguei a casa, disse à minha mãe que temia não conseguir ser cirurgião. Mas isso nunca mais me aconteceu.

A sua primeira experiência foi numa Unidade de Queimados. Como é que isso aconteceu?

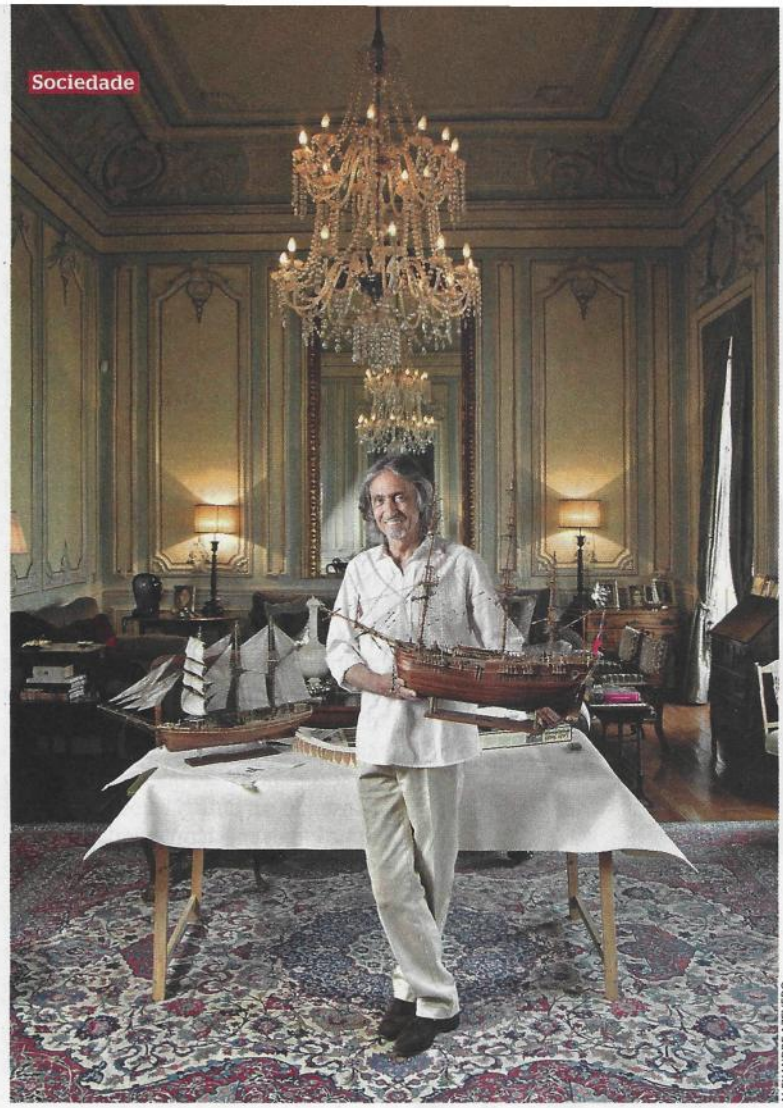
Como as admissões à especialidade já tinham terminado perguntaram-se se eu queria ficar um ano no serviço de Queimados. Então comecei a trabalhar num dos maiores serviços de queimados da América do Sul. Durante um ano e meio, o meu trabalho foi lavar e preparar os queimados de todo o Brasil. Outra das minhas funções era manusear a pele que sobrava das reduções mamárias e das mamoplastias: dissecar as camadas superficiais, enrolá-las e guardá-las para depois se fazerem enxertos temporários nos queimados. Também ajudava a fazer enxertos. Havia uma regra, quem perdesse um enxerto (os enxertos eram muito caros), tinha de pagar o jantar a todos. Como eu ganhava o ordenado mínimo nacional do Brasil, que era uma coisa ridícula, estava sempre apavorado que isso pudesse acontecer. Tinha o maior cuidado.

Esteve lá quanto tempo?

Um ano e meio, foi uma experiência traumatizante, mas a base da minha formação em Plástica. Depois entrei na especialidade e fiquei cinco anos na Clínica Fluminense de Cirurgia Plástica de Niterói.

Recorda-se da sua primeira cirurgia estética?

Na clínica não podíamos operar sozinhos, tínhamos tutores, mas como queríamos praticar juntáva-



ALEXANDRE AZEVEDO

Francisco Ibérico Nogueira fotografado na sua casa, em Lisboa. Vive num palacete que pertencia ao marquês Fontes Pereira de Melo, e que comprou completamente destruído. Durante 10 anos, ele e a família dedicaram-se a restaurá-lo. Um dos seus *hobbies* é construir embarcações em madeira com a mulher

mo-nos com especialistas seniores e aos fins-de-semana íamos para as cidades dos arredores do Rio fazer operações. Levávamos caixas de material esterilizado e íamos nos *ónibus*, ou nos quentões, como lhes chamávamos – não tínhamos dinheiro para andar naqueles com ar condicionado. A primeira operação que fiz como cirurgião principal foi numa dessas cidades: uma mamoplastia de redução. A sala de cirurgia não tinha ar condicionado e eu estava a suar em bica. Depois de reduzir o primeiro lado, estava tão nervoso que disse ao meu colega: "Não é melhor fecharmos e operarmos o outro para a semana?" Só queria fugir dali.

Depois de terminar a especialidade foi para os Estados Unidos?

Estive seis meses no Manhattan Eye, Ear and Throat Hospital em Nova Iorque, onde trabalhavam os mais famosos cirurgiões dos Estados Unidos, entre os quais Thomas Rees. Todas as manhãs, ele operava sete narizes. Tinha um esquema organizado: havia sete tabuleiros em fila no corredor, com material esterilizado.

Porque voltou para Portugal?

A minha ideia era abrir uma clínica em Los Angeles com um colega brasileiro, mas entretanto vim de férias a Portugal e reencontrei a minha mulher. Ela também é de Coimbra e conhecia-a desde criança, era a irmã mais nova de uns amigos meus. Nós temos uma diferença de 13 anos. Lembro-me que, quando fui para o Brasil, lhe disse que me casaria com ela quando regressasse. Coisa de miúdos, ela tinha apenas 11 anos. Mas a verdade é que, quando voltei, me apaixonei e nunca mais pensei voltar para os Estados Unidos.

A preocupação das pessoas continua a ser o envelhecimento?

Ninguém gosta de envelhecer, seja de que sexo, profissão ou cor política for. Num País onde os mais velhos são postos de lado, sobretudo no trabalho, há uma tendência natural de as pessoas quererem parecer jovens.

Em que profissões isso se nota mais?

Os professores de liceu são dos que mais procuram a cirurgia plástica, porque os alunos jovens são muito agressivos. Apontam para aqueles sinais de envelhecimento visíveis nas pessoas, e que lhes dão um ar débil, como os papos, o chamado pescoço de peru ou as olheiras.

"Os professores de liceu são dos que mais procuram a cirurgia plástica, porque os alunos jovens são muito agressivos"

"A minha primeira cirurgia estética foi uma mamoplastia de redução. Quando fiz o primeiro lado, quis fugir"

Há um limite de idade a partir do qual já não opera?

Acho que o limite tem a ver com a saúde do paciente. Se tudo estiver a funcionar bem, e a cirurgia não for agressiva – hoje quase 90% dos procedimentos podem fazer-se com anestesias locais e pequenas sedações –, não vejo motivo para não se operar. O fundamental é a pessoa não correr qualquer tipo de risco. Houve uma frase que o meu pai me disse e que eu nunca esqueci: "A vida de um cirurgião é parecida com a vida de um toureiro, se levar uma tolhida grande não se recompõe mais."

Qual foi a pessoa mais velha que operou?

Um homem com 100 anos, fiz-lhe um *face lift*. Três horas depois estava em casa. Era um homem que gostava de se sentir bem consigo próprio e queria muito remover aquela pele caída do pescoço. Ainda está vivo.

A *bricolage* é um dos seus *hobbies*. Faz reparações em casa?

Gostava, mas não tenho tempo. Mas tenho conhecimentos de electricidade, de canalização, de massas e de restauro. Eu e a minha mulher fazemos uns barcos em madeira e eu gosto de trabalhar com arquitectos e fazer alterações em casas.

Tem algum projecto agora?

Estou a iniciar um projecto, com um dos meus irmãos, de restauro de casas em ruínas no Algarve. Pensámos adquirir propriedades pequenas, depois restaurá-las e transformá-las em casas de charme. O Algarve está a ser invadido por franceses e eles gostam muito desse tipo de casa. A ideia será ir fazendo o *slow down* da cirurgia e depois entreter-me com projectos desse tipo.

Custa-lhe envelhecer?

Para já não sinto que esteja a perder faculdades, mas provavelmente um dia vai ser difícil para mim, como é para toda a gente. Nunca fiz tratamentos, porque nunca senti necessidade. Nunca me senti infeliz por ter rugas.